



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Arquitetura e Controle da Internet Mundial: os EUA, o ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers) e as teias do capital-imperialismo*</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Lucas Patschiki	Universidade do Oeste do Paraná	UNIOESTE	Mestrando em História
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
Pretendemos neste trabalho discutir o ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), entidade responsável por definir os padrões, formatos e tipos de domínios da rede, coordenar a definição de endereços IP, através do DNS (Domain Names System) e gerenciar o servidor raiz da internet. Então exploraremos pontualmente as condições em que a internet é criada nos EUA, fruto do complexo industrial-militar-acadêmico e a utilização da tecnologia da informação durante e depois da guerra fria, já num novo ciclo de expansão capitalista. E como esta entidade articula-se ao que Fontes chama de teias do capital-imperialismo, entidades supranacionais com formatos associativos desiguais e de aparência democrática, criadas após a Segunda Guerra Mundial. Ou seja, como o ICANN, através de seu sistema de representação misto (Estados e iniciativa privada) se faz instância produtora de consenso para os exploradores deste novo campo midiático, reproduzindo e disseminando todo um modo de ser e agir, naturalizando o livre-mercado e o imperialismo, compreendendo capitalismo como horizonte histórico final para a humanidade.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
ICANN; Internet; capital-imperialismo			
ABSTRACT			
We intend this paper to discuss the ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), the entity responsible for setting standards, formats and types of network domains, coordinate the definition of IP addresses through DNS (Domain Name System) server and manage the root of the internet. So we'll explore the conditions under which the Internet is created in the U.S., due to the military-industrial-academic complex, and the use of information technology during and after the Cold War, as a new cycle of capitalist expansion. And as this entity is structured to what Fontes called webs of capital-imperialism, supranational entities and formats uneven appearance associative democracy, created after the Second World War. In other words, such as ICANN, through its representation system mixed (state and private companies) becomes locus for the production of consensus for the explorers of the new media field, reproducing and disseminating an entire way of being and acting, naturalizing the free market and imperialism, comprising capitalism as the final historical horizon to mankind.			
KEYWORDS			
ICANN; Internet; capital-imperialism			

A internet é usualmente definida funcionalmente como um sistema de informações globais que: A) “*é logicamente ligado por um endereço único global baseado no IP e subsequentes extensões*”; B) “*é capaz de suportar comunicações usando o TCP/IP [Transmission Control Protocol/Internet Protocol, Protocolo de Controle de Transmissões/Protocolo da Internet] ou suas subsequentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP*”; C) “*provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na*

\* Pesquisa financiada pela Fundação Araucária.

*infraestrutura descrita*<sup>1</sup>. Esta definição é insuficiente, já que naturaliza o desenvolvimento tecnológico e midiático ocorrido principalmente na últimas décadas do século passado, ainda ignorando as contradições da realidade, ou fingindo as ignorar, para compreender a rede como um espaço de embates ideológicos dissociados de sua materialidade, das funções sociais que cumpre como parte da ampliação das formas de reprodução do capitalismo contemporâneo. Ela nasce das entranhas do complexo industrial-militar-acadêmico (daqui para diante CIMA) e servirá para garantir tanto a superioridade militar e estratégica estadunidense quanto sua hegemonia econômica, sendo que a utilização da tecnologia da informação foi plena, como suporte e justificativa para a expansão das relações sociais capitalistas.

Dentre todos os países envolvidos diretamente na Segunda Guerra Mundial, serão os EUA, que despontarão como a única potência dominante mundial. No Pós-guerra, será consolidado um padrão imperialista distinto, marcado por novos requisitos para a expansão capitalista, que, deste período até os anos 1980, será *“marcado por uma situação histórica única, na qual a divisão do mundo entre países pós-revolucionários e países capitalistas impôs modificações substantivas no ritmo, na extensão e na forma da expansão do imperialismo”*, constituindo o ciclo de implementação do capital-imperialismo. Fontes entenderá este novo momento histórico através de três mudanças qualitativas, mesmo que dentro da mesma dinâmica social de expansão do capital: *“o predomínio do capital monetário, expressando a dominação da pura propriedade capitalista e seu impulso avassaladoramente expropriador”*, que *“aprofundam um traço intrínseco, permanente e devastador do capital, desde seus primórdios: sua necessidade imperativa de reprodução ampliada, sua expansão em todas as dimensões da vida social”*, resultando *“em modificações profundas do conjunto da vida social, que atravessam o universo das empresas, o mundo do trabalho, a forma da organização política, a dinâmica da produção científica, a cultura; enfim, o conjunto da sociabilidade”*. Este movimento de ampliação descomunal é caracterizado pela conversão de países retardatários ao capital-imperialismo, o que não ocorre sem o acirramento das contradições sociais nestas formações sociais, e ao mesmo tempo, alterando o teor das relações com os países avançados.

Essa situação, garantida pela hegemonia inquestionável dos Estados Unidos, exigiu entre os países capitalistas avançados constituir *“alianças”* políticas e econômicas de alcance internacional, através das novas instituições transnacionais formadoras de consenso, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Grupo Banco Mundial (GBM), etc. nas quais prevalecem o modelo representativo-eleitoral de fundo acionista-autocrático. Estas instituições supranacionais criadas

---

<sup>1</sup> FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em [http://www.nitrd.gov/fnc/Internet\\_res.html](http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html), acessado em 14.10.11. Tradução nossa.

neste período serão responsáveis pela mediação e formação de consenso entre os países imperialistas e para a ampliação das formas de reprodução do capitalismo. E por fim, como já assinalado, durante todo este período a convivência entre países imperialistas e pós revolucionários foi constituinte de tensões internas entre países capitalistas avançados, onde a possibilidade de levantes revolucionários eram relevantes em países como França, Itália ou na Alemanha Ocidental (a extinta República Federal da Alemanha). Deste modo, “*a preservação da expansão capitalista passava a exigir alguma acomodação entre capitais no plano internacional e uma certa pacificação com relação às populações dos países centrais*”, enquanto nos países retardatários, “*a contrarrevolução preventiva [...] se torna condição da acumulação burguesa dependente, num primeiro momento, e da ordem burguesa como um todo, no domínio do capital-imperialismo*”<sup>2</sup>.

Sérgio Lessa aponta elementos confluentes que foram determinantes para o desenvolvimento capitalista do período. Primeiro, a derrota do movimento operário na Europa pela reação capitalista nos anos subsequentes ao fim da Guerra<sup>3</sup>. Outro ponto foi o processo de superprodução estadunidense. Os EUA tiveram sua produção duplicada a cada dois anos durante a Segunda Guerra Mundial, que criava uma situação econômica altamente instável para todo mundo capitalista. Aquele país era responsável por metade do PIB industrial, e mesmo tendo uma população equivalente a 6% da população mundial era o consumidor de 30% de toda a energia do planeta. Esta situação após o término da Guerra só poderia ser remediada com a ampliação drástica do consumo interno e externo aos seus bens de produção, já que não havia mais a escala de consumo destrutivo gerado pelo conflito. Do mesmo modo havia de ser combatido a contenção drástica do consumo ocorrida durante o esforço de guerra e integrar produtivamente os combatentes que voltavam para a vida civil como uma massa de trabalhadores desempregados. Para garantir o consumo externo, foi então implementado o o Plano Marshall, que investiu cerca de 13 bilhões de dólares na Europa, onde 70% dos produtos consumidos eram de procedência estadunidense. Do mesmo modo, o Japão recebeu investimentos pesados para sua reconstrução – o que é pouco diante da ameaça da superprodução, até porque estes mercados se reconstroem e passam a disputar no mercado com os produtos estadunidenses. O que intensificou a necessidade de um mercado interno de massa, o *American Way of Life*, marcado pela produção em larga escala, o que passou a reduzir drasticamente o preço final do produto, que por sua vez, seria responsável por elevar o consumo, e assim alavancando a produção – como notado é fundamentalmente ligado a expansão e intensificação do fordismo taylorismo dentro das fábricas e escritórios. Para tanto foram requeridas diversas medidas articuladas, como a expansão e um novo modelo de propaganda, visando tornar necessário o supérfluo, em que pese a expansão do rádio e da televisão neste período, inaugurando

---

<sup>2</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 146-152.

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.

uma era onde a obsolescência programada impera, constituindo uma aceleração do ciclo de consumo em uma escala progressiva. Este aumento do consumo somente se tornaria efetivo com o aumento do poder aquisitivo e do tempo fora do trabalho da classe trabalhadora, traduzida no aumento de salários, na diminuição da jornada de trabalho, na ampliação das férias, as políticas públicas de assistência social, de proteção ao trabalho, etc., que propiciaram a transferência direta de renda para uma população que encontrava-se excluída do consumo, dentre uma série de medidas. Este novo *status* oferecido para a classe trabalhadora só pode ser estabelecido mediante o encapsulamento das suas lutas, o que se deu pela instituição de centrais sindicais “domesticadas”, que mediando a contradição entre capital e trabalho<sup>4</sup>. Obviamente, articulada a estas ações ocorreu a expulsão em massa de comunistas e socialistas dos sindicatos, aliada a uma histeria anticomunista, onde Lessa assinala a volta da tortura como instância efetiva dos aparelhos policial e judiciário, o que vinha sendo abandonado desde o século anterior. A mesma máquina de propaganda foi utilizada para institucionalizar o anticomunismo, expressão do combate interno a qualquer grupo e indivíduos que não consentissem, ativa ou passivamente.

Outro ponto fundante para o autor trata é a expansão massiva, a partir da década de 50, das transnacionais em direção aos países do Terceiro Mundo, buscando diminuir seus custos de produção pelo uso da mão de obra e das matérias-primas destes países. Ele interpreta esse movimento inicial ainda como “válvula de escape” da discrepância entre produção e consumo, tornada mais grave pela saturação do mercado para determinados produtos, como o de automóveis. Neste países periféricos que, como já assinalado, tornaram a contrarrevolução preventiva o modo normal de manutenção e ampliação da reprodução das relações sociais capitalistas, o Estado de exceção foi a forma normal da dominação burguesa durante maior parte do restante do século<sup>5</sup>. O fenômeno total da expansão das transnacionais, ampliação articulada ao cosmopolitismo burguês (contraponto do internacionalismo proletário), não limitou-se ao terreno da economia, mas alterou drasticamente todos os campos sociais. A escala de concentração e centralização de capitais intensificaram-se na mesma proporção da escala de alcance destas sociedades anônimas gigantescas<sup>6</sup>.

A expansão das transnacionais, em cujo processo foi crucial a intervenção dos Estados nacionais dos países capitalistas avançados, não era capaz de dar conta da crise de superprodução e garantir a expansão do sistema econômico. A solução definitiva para esta, foi o massivo investimento no que Eisenhower chamou de complexo industrial militar. (e que acrescentamos o

---

<sup>4</sup> LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 279-282.

<sup>5</sup> LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 281-284.

<sup>6</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 164-165.

acadêmico, dada sua confluência com as universidades e instituições de pesquisa estadunidenses, e que acentua inegavelmente o caráter classista da ciência). Este é criado nos países capitalistas centrais durante a Primeira Guerra Mundial para buscar “resolver” o problema do consumo, sendo que sua expansão no Pós-guerra será intrínseco ao desenvolvimento do capital, tanto que para o manter, os EUA entrariam na Guerra da Coreia logo em 1954 e, depois, em 1958 no Vietnã<sup>7</sup>.

Segundo Mézaros, ele é tão importante que o autor chega a afirmar que ele é o verdadeiro motivo para a superação da crise de superprodução de 1929-1933, graças ao dinamismo que irá impor sobre toda a economia estadunidense. E os acordos do Pós-guerra somente ajudaram a intensificá-lo, sendo as estratégias do keynesianismo complementares para a expansão do CIMA<sup>8</sup> – lembrando que as dívidas responsáveis pelos custos militares da corrida armamentista eram geridos pelo sistema capitalista, atrelados diretamente a economia dos EUA, que gere a maior dívida do mundo. O complexo foi tão bem sucedido para o desenvolvimento capitalista pela sua capacidade de acabar com a distinção entre consumo e destruição, oferecendo uma “*uma solução radical para uma contradição inerente ao valor que se autodefine como tal em todas as suas formas*”<sup>9</sup>. Este forneceu a capacidade de consumo e desperdício ilimitado, estando atrelado a defesa da pátria, de um modo de vida:

[...] torna-se irresistível a conclusão de sua decadente gratuidade; enquanto, ao contrário, consegue-se legitimar como dever patriótico absolutamente inquestionável o verdadeiro desperdício ilimitado de “devorar” recursos equivalentes a bilhões de tais saladas através dos anos, enquanto milhões incontáveis têm de suportar a inanição como o “destino” do qual não podem escapar. Do mesmo modo, em relação ao segundo aspecto vital, o complexo militar-industrial remove com sucesso as restrições tradicionais do círculo de consumo definido pelas limitações do apetite dos consumidores. Nesse aspecto, ele corta o nó górdio altamente intrincado do capitalismo “avançado” ao reestruturar o conjunto da produção e do consumo de maneira a remover, para todos os efeitos e propósitos, a necessidade do consumo real<sup>10</sup>.

Obviamente, neste caso, Mézaros tem em mente os produtos primários produzidos pelo CIMA, armas, em especial nucleares, cuja capacidade de destruição ultrapassam em mais de 30 vezes o próprio planeta. O que não impede que os produtos secundários advindos da pesquisa e produção para a guerra não acabem por terem sido integradas ao consumo como mercadorias, como novas necessidade, e que tiveram um efeito tão profundo sobre as relações sociais capitalistas, em especial nas últimas décadas do século passado, que passaram a ser uma das principais

<sup>7</sup> LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 280.

<sup>8</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 685.

<sup>9</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687.

<sup>10</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687-688.

justificativas para a superioridade do capitalismo, transformado em uma “nova era”, marcada pelo determinismo tecnológico cego e avassalador, onde estaríamos finalmente a ponto atingir o “pleno emprego”, sendo o trabalho intelectual gerador de riqueza, que acompanharia a “extinção” do trabalho vivo<sup>11</sup>. Este movimento corresponde ao sinalizado já por Lênin<sup>12</sup>, quando os grandes monopólios aproximam-se e imiscuem-se com o Estado, sendo este, em última instância, sua garantia de lucratividade. *“De fato, graças à importante transformação das estruturas produtivas dominantes da sociedade capitalista do pós-guerra, paralelamente ao correspondente realinhamento de sua relação com o Estado capitalista”,* que serviu tanto aos *“propósitos econômicos como para assegurar a necessária legitimação ideológica-política”,* sublinhando que esta *“fusão mística entre produtor/comprador/consumidor de agora em diante é nada menos que a própria 'Nação’”*<sup>13</sup>. Essa “união íntima” que garante a própria reprodução e expansão ilimitada do capital, pois

O complexo industrial-militar não só aperfeiçoa os meios pelo qual o capital pode agora lidar com todas essas flutuações e contradições estruturais, mas também dá um “salto quantitativo” no sentido que o alcance e o tamanho absoluto de suas operações rentáveis se tornam incomparavelmente maiores do que poderia ser concebido nos estágios anteriores dos desdobramentos capitalistas<sup>14</sup>.

A implementação do CIMA não ocorreu do mesmo modo em todos os países capitalistas avançados, não podendo perder de perspectiva *“que o desenvolvimento econômico do pós-guerra do Japão e da Alemanha nada tenha a ver com a sorte do complexo industrial-militar”*. Sendo que estes países estariam diretamente atrelados aos EUA, na qual Mézaros ressalta três pontos da dependência deste desenvolvimento econômico: primeiro, após as novas alianças militares, *“praticamente todas as restrições do tratado de paz original são rapidamente removidas”* para os países derrotados, permitindo o desenvolvimento de seus próprios CIMA's, investindo *“virtualmente em qualquer campo da produção militar, com a única exceção dos armamentos nucleares”*. Segundo, porque a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias militares *“é um empreendimento internacional”*, atingindo os mais variados setores da produção, e onde a participação destes países é fundamental *“para o estabelecimento e/ou modernização de ramos industriais inteiros, nos quais se fundam os 'milagres' do desenvolvimento econômico japonês e alemão”*. E por fim, a ligação mais explícita com a economia estadunidense, *“de longe a mais extensa e dinâmica do mundo ocidental, é sustentada, ao longo de todo o período do pós-guerra,*

<sup>11</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 26.

<sup>12</sup> LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília, Nova Palavra: 2007.

<sup>13</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 691.

<sup>14</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 690-691.

por orçamentos astronômicos de defesa (apesar da ameaçadora dívida interna e externa)”. Sendo que então, a “capacidade para sustentar os níveis de produção existentes em seus próprios países, em todas as sociedades capitalistas avançadas são profundamente dependentes do mercado em expansão dos Estados Unidos”, o que explica as atitudes diante da dívida estadunidense, pois a ampliação produtivas destes países “não pode ser separada da importância global da produção militarista no que se refere à sua aparentemente incurável dependência da economia norte-americana e do preponderante complexo militar-industrial em seu interior”<sup>15</sup>. Uma das consequências mais dramáticas resultantes do CIMA irá corresponder ao incentivo, direto ou indireto, em conflitos e ditaduras militares no Terceiro Mundo, capazes de aumentar a sua oferta em demanda<sup>16</sup>.

Um dos marcos para a afirmação deste complexo, a partir dos os anos 50, foi a criação da doutrina do “desenvolvimento com segurança” por técnicos do *Massachussets Institute of Technology* (MIT) para manter o domínio sobre a América Latina e “evitar que o fantasma do regime comunista pairasse sobre a região e colocasse em risco sua área de influência”. Somente o MIT, nos anos que se seguiram a guerra, recebeu 117 milhões de dólares para pesquisa e desenvolvimento, o CALTECH (*California Institute of Technology*, Instituto de Tecnologia da Califórnia) 83 milhões, a AT&T 17 milhões, e a General Eletric 8 milhões – que junto com outras fabricantes de armas como a Lockheed, Westinghouse, IBM, Boeing, a General Dynamics foram privilegiadas por estes investimentos<sup>17</sup>. Como consequência deste deslocamento da crise de superprodução para o CIMA, “a legitimação da oferta real pela 'demanda fictícia”, o capital acaba por encontrar um novo modo de conduzir e “administrar as consequências objetivas do desenvolvimento socioeconômico, incluindo suas próprias contradições no plano da interação crucial entre produção e consumo, minimizando, por todo um período histórico” – e tendo seu aspecto mais bem sucedido –, “as mais severas implicações desta última na erupção de crises”<sup>18</sup>.

E foi no bojo destas relações, que nasceu a internet, já na década de 1960, sob tutela do Pentágono e desenvolvida por instituições de pesquisa estadunidenses, para funcionar como modelo de comunicação e compartilhamento de informações descentralizado, assim permitindo sua proteção em caso de um ataque nuclear russo. A ARPANET foi criada pela DARPA (*Advanced Research Projects Agency*, Agência de Projetos de Pesquisa Avançados), agência do DoD

---

<sup>15</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 686-687.

<sup>16</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 693.

<sup>17</sup> MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar" In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 232-233.

<sup>18</sup> MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 693-694.

(*Department of Defense*, Departamento de Defesa estadunidense)<sup>19</sup> e funcionava através de chaveamento de pacotes, divisão de informações que permitem seu reagrupamento posterior pelo destinatário. Em 1969 foi transmitido o primeiro correio eletrônico entre as Universidades da Califórnia e Stanford, sendo então este ano a data comumente considerada para o nascimento da rede. Como compara, não sem ironia o anticomunista Castells, “*de certa forma, foi o equivalente eletrônico das táticas maoístas de dispersão das forças de guerrilha, por um vasto território, para enfrentar o poder de um inimigo versátil e conhecedor do terreno*”<sup>20</sup>. E no mesmo ano foram implementadas as suas primeiras quatro estações, além das duas já citadas, também na Universidade de Santa Bárbara e de Utah.

Em 1972, a ARPANET já contava com 37 estações. “*Ao lado desta forma de transferência de tecnologia através da aprendizagem e dos conhecimentos incorporados em indivíduos*” ocorria “*a transferência de tecnologia diretamente para as grandes empresas fornecedoras e indiretamente para os seus fornecedores especializados*”, sendo a “*principal forma de difusão de novas tecnologias. Na medida em que as incertezas e os riscos comerciais foram provisoriamente suspensos pelo apoio militar, o ciclo de vida do processo de inovações foi encurtado*”, sendo que ainda “*as oportunidades de exploração comercial foram asseguradas pela acumulação de capacitação técnica dos laboratórios industriais*”<sup>21</sup>. Ainda na década de 1970, o sistema se expande para a comunicação entre pesquisadores vinculados à área de defesa estratégica e em 1975 ela deixa de ser uma rede experimental para ser operacional, iniciando o desenvolvimento do protocolo de comunicação TCP/IP<sup>22</sup>. Este desenvolvimento, mesmo inicial, é diretamente atrelado à iniciativa privada<sup>23</sup>. Em 1979 já havia interesse comercial pela rede. A IBM funda a BITNET (*Because It's Time Network*), que permitia a troca de e-mails e participação em grupos de discussão<sup>24</sup>. E nos anos 80, quando o protocolo TCP/IP se torna padrão para as redes militares, e o sistema acadêmico já está multiplicado em diversas estações (incluindo diversos países), a rede é dividida, criando-se o MILNET (militar, atrelado ao *Defense Data Network*) e uma nova ARPANET, que em 1986, já ligada a rede da *National Science Foundation*, que criou as diretrizes da NSFNET (novo *backbone*), passa a ser chamada de internet. Em 1989, a ARPANET é desativada

---

<sup>19</sup> MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar" In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 246.

<sup>20</sup> CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 44.

<sup>21</sup> MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar" In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 241.

<sup>22</sup> SEM AUTOR. *História da internet*. Disponível em <http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65>, acessado em 13.07.10.

<sup>23</sup> COSTA, G.M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 63-64.

<sup>24</sup> ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc\\_pi-arten.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf), acessado em 20.08.10.



pelo *Defense Research Internet*, e a partir de 1993 passa a ser explorada comercialmente, já utilizando a concepção de *World Wide Web* (www), criada em 1990.

Do mesmo modo, já havia se instituído a tecnologia de DNS (*Domain Names System*), criada por Paul Mockapetris, como padrão para a arquitetura da rede, complementando o www. Como todo computador conectado a internet precisa de um endereço específico, para que os dados transmitidos possam ser transmitidos e recebidos, o DNS serve para transpor os números de cada endereço para o código alfanumérico, ou seja, permite a utilização de palavras, nomes, etc. para a navegação *online*. A hierarquia do DNS é constituída em pirâmide, que relaciona verticalmente, no topo da pirâmide os servidores raiz A até M (os 13 servidores raiz coletivamente conhecidos como o ponto “.”), seguida dos Domínios de Alto Nível, e assim por diante, sobre os arranjos do terceiro, quarto e demais níveis baixos. O DNS é um sistema hierárquico que determina a estrutura da internet de modo ostensivamente centralizador, “*um design técnico e uma arquitetura de rede profundamente vinculados à estrutura de defesa dos EUA e do DoD, e do ponto de vista geográfico este design reflete a centralização do poder e o controle mantido por um único país*”. Esta arquitetura “*revela uma geopolítica unilateral da Governança da Internet, que não admitia a representação soberana dos Estados Nacionais*”, o que Silva compreende como “*uma recorrência do imperialismo americano no território das redes. As questões da Governança da Internet que estão sendo debatidas recaem na possibilidade de intervenção regulatória que os EUA não pretendem ceder*”, e que afetam “*de uma forma mais ampla as questões legais, econômicas, voltadas ao desenvolvimento local, regional, global e sócio-cultural*”<sup>25</sup>.

E a passagem da lógica de utilização militar, para a lógica de utilização comercial ocorreu de modo arbitrário, sem qualquer participação popular ou da comunidade de especialistas em informática – que depois começaram a manifestar-se através de uma série de grupos. Não houve nenhuma mediação crítica sobre a arquitetura da rede, tratada como a única possibilidade técnica, o que permitiu o pleno controle dos EUA sobre o campo midiático, garantia que permitiu ao mercado normatizar a internet tanto juridicamente quanto tecnicamente.

Os novos fenômenos do capital, como a “globalização” e a “reestruturação produtiva”, são mudanças qualitativas relativas ao processo de estabelecimento do capital-imperialismo, do “*imperialismo [que] dissolvia-se no capital-imperialismo que gerara e nutrirá*”<sup>26</sup>, ou seja, o esgotamento da arquitetura econômica do Pós-guerra através da ampliação desta mesma, o que na década de 70 irá, aliada a outras causas como a questão do petróleo, gerar crises sucedâneas. Esta

---

<sup>25</sup> SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de Internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 25-26.

<sup>26</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 194.

transição será o nosso fio condutor para podermos atribuir sentido e significado ao desenvolvimento da internet, dentro do desenvolvimento geral das telecomunicações, como parte do processo de ampliação das formas de reprodução do capital<sup>27</sup>.

A crise dos anos 70 apresentou de quedas violentas na produção e no emprego, sendo que as falências generalizaram-se, atingindo até grandes conglomerados, e os investimentos caíram a níveis extremamente baixos. Ela pode ser apontada na retração das taxas de crescimento das maiores economias do mundo no biênio 1974-1975, o apogeu da crise, (embora alguns países anteriormente, os EUA, já em 1970 e a RFA em 1971, já mostravam um cenário de estagnação. Os EUA irá ter taxas negativas de crescimento, em 1974 de -0,9% e no ano seguinte de -0,8%, e a Inglaterra em 1974 terá queda de -7,0% (mesmo que no ano anterior tivesse demonstrado um crescimento de 7,6%). O crescimento total dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi de 0,7% em 1974 e de 0,5 % em 1975. Do mesmo modo tanto a inflação quanto o desemprego aumentam de modo agudo neste momento. A inflação mundial, média feita pelos preços oferecidos aos consumidores foi de 18,1% entre 1973 e 1984, sendo que 10% neste aumento ocorreu no período de 1973-1979. O desemprego na Comunidade Econômica Europeia passou de 3,2% em 1970 para 5,4% em 1975, mantendo esse número em 1977, mas subindo para 6,4% em 1981 e atingindo 8,2% em 1983. Assinalando que é no biênio 1973-1974 que ocorre a elevação violenta do preço do petróleo, que triplica seu valor, de US\$ 3,5 por barril de petróleo bruto para US\$ 11,65 por barril<sup>28</sup>.

A classe trabalhadora, no decênio subsequente a 1968 tinha o poder de iniciativa organizada suficiente para abrir ofensiva contra o capital em vários países capitalistas centrais. Se “*o poder do imperialismo não chegou a ser ameaçado globalmente, mas estremeceu e, em algumas pontas, como Vietnã, Nicarágua e Irã, rachou*”. Se a crise deixou as classes dominantes em quase todos os países sem reação, “*as classes subalternas, ao contrário, saíram para a luta aberta*”. Esta série de desdobramentos ofensivos não chegou a constituir “*uma alternativa global dos trabalhadores para a crise do capitalismo tardio*”<sup>29</sup>, sendo que todas as revoluções nos anos 70 foram derrotadas ou tomaram outra orientação que a anticapitalista. Seguindo o processo de derrota da classe trabalhadora, finalizado no começo da década seguinte, abriu-se caminho para uma violenta reação burguesa, de amplitude global. A amplitude da crise, neste ocorreu pela ampliação desenfreada das relações sociais capitalistas, que com a industrialização dos países periféricos (a internacionalização

<sup>27</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 191-192.

<sup>28</sup> CARCANHOLO, M. D. “Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora”. *Revista Aurora*. Ano IV, nº 6. Agosto de 2010. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf>, acessado em 04.06.11.

<sup>29</sup> COELHO, E. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005. p. 416.

da produção, onde as filiais passaram de extratoras de matérias primas para atuarem como indústrias de transformação), as novidades tecnológicas e a concentração de capitais determinou uma sincronização internacional do ciclo industrial. Os limites dos Estados nacionais foram em muito ultrapassados pelas forças produtivas, parte de uma tendência ampliada desde o Pós-guerra, – desde o início de 1970, mais de 50% das exportações dos Estados Unidos se deram fora do mercado interno estadunidense, sendo conduzido entre sucursais de empresas transnacionais. E esta sincronização internacional do ciclo industrial acaba por minar as políticas econômicas anticíclicas, que pelo seu caráter prioritariamente nacional, acabam por serem insuficientes diante das crises do capital<sup>30</sup>.

A ampliação gigantesca do capital, sua concentração e centralização, potencializou violentamente o papel do próprio capital, como pura propriedade capitalista, “*que se torna abstrata, desigualitariamente socializada e extremamente destrutiva*”. E seu caráter abstrato advém de que “*o volume de concentração de capital supera as dimensões das empresas e de qualquer empreendimento singular, configurando-se como o fetiche máximo de uma potência cega da pura forma monetária*”. E este movimento não ocorreu sem a expropriação massiva dos trabalhadores, já que o capital financeiro busca apreender “*recursos monetários de todas as instâncias sociais para imperativamente convertê-los em capital, também de maneira difusa*”<sup>31</sup>. Neste caso pela criação de fundos de pensão, e com menos peso os fundos comuns de investimento e outros investidores institucionais. Os fundos de pensão serão articulados com as chamadas reestruturações produtivas, a forma normal exigida pelo capital-imperialismo, a intensificação necessária na extração de mais valia, tornando internacional a concorrência entre os trabalhadores e impondo o cerceamento para sua circulação internacional. A articulação entre o corte de direitos e a ameaça do desemprego foi utilizado ostensivamente para quebrar as resistências no mundo do trabalho<sup>32</sup>.

A década de 80, sob o signo da derrota da classe trabalhadora, iniciaria sob uma “*uma onda de direitização*”, culminando nas eleições de Margareth Thatcher em 1979 no Reino Unido, de Ronald Reagan em 1981 nos Estados Unidos e Helmut Kohl em 1982 na Alemanha. Estes foram os principais promotores em escala mundial do neoliberalismo como política estatal adequada aos interesses do capital-imperialismo<sup>33</sup>. Nos Estados Unidos, com Reagan, o caminho foi um tanto diferente da Inglaterra, já que o foco principal de seu governo foi a ofensiva econômica e militar em nome do capital. Externamente, lançando-se em “*qualquer luta nominalmente anticomunista em*

---

<sup>30</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 193-194.

<sup>31</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 145-146.

<sup>32</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 195-200.

<sup>33</sup> DIAS, E. "Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes". *Revista Outubro*. n.º. 1. 2003. Disponível em [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01\\_03.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf), acessado em 16.10.11.

qualquer lugar do mundo (Nicarágua, Granada, Angola, Moçambique, Afeganistão, etc.)”<sup>34</sup>, movimento que foi “decisivo para uma recuperação das economias da Europa ocidental e da América do Norte”<sup>35</sup>. Foi sob esta perspectiva, de forte investimento no CIMA, visando elevar a demanda e assim superar a crise econômica, que as telecomunicações voltam a ser prioridade nas políticas estatais dos EUA. O *Strategic Defense Initiative* (Iniciativa de Defesa Estratégica) idealizou e levou a cabo o projeto Guerra nas Estrelas (cuja implementação foi decidida de forma unilateral, indo contra a ONU e diversos movimentos populares contra a proliferação de armas atômicas), que teve como suporte recursos tecnológicos advindos de sua infraestrutura de telecomunicações, baseado em um estoque de tecnologia de ponta suficiente para a sua projeção global. As principais empresas beneficiadas neste período foram a Rockwell International, a Boeing, a General Dynamics, a Hughes, a General Electric e a Lockheed (que na época chegou a falsificar resultados de testes para o Guerra nas Estrelas)<sup>36</sup>.

Enquanto expandiam a doutrina da segurança nacional os EUA salvaguardavam a demanda de consumo do setor, investindo também no desenvolvimento de equipamentos e aplicações comerciais, garantiam para a iniciativa privada acesso aos mercados mundiais. Como parte deste processo, em 1984 nos EUA foi feita a reforma das telecomunicações, que desmembrou a AT&T (antigo monopólio do setor), que serviu de modelo para um processo global de adaptação ao modelo estadunidense de telecomunicações, no qual os EUA utilizaram ostensivamente o poder de pressão e barganha de entidades supranacionais como a OMC (Organização Mundial do Comércio) e o FMI, onde a concessão de novos empréstimos e/ou prazos para pagamentos da dívida de países do Terceiro Mundo foi utilizado como instrumento de coerção, caso da Argentina que praticamente é chantageada para privatizar seu setor de telecomunicações<sup>37</sup>. Estes organismos atuaram em uma conjuntura marcada pela intensificação da dependência financeira dos países do Terceiro Mundo, resultante das crises da dívida (externa e interna) destes países, agravadas pelas crises do petróleo e pela escassez de crédito<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992. p. 296.

<sup>35</sup> ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 13.

<sup>36</sup> HARTUNG, W. "Profits of War: The Fruits of the Permanent Military-Industrial Complex". *Multinational Monitor*. Jan./Fev. 2005. Disponível em [http://www.thirdworldtraveler.com/Military\\_Industrial\\_Complex/Profits\\_of\\_War.html](http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html), acessado em 08.10.11.

<sup>37</sup> Para mais informações sobre o processo de privatização das telecomunicações na Argentina ver COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit.

<sup>38</sup> CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 75-76.

Como consequência deste “keynesianismo militar”, como Anderson entende esta política<sup>39</sup> (ou segundo Maria da Conceição Tavares, “*uma política keynesiana bastarda, de cabeça para baixo*”<sup>40</sup>), resultou o aumento exponencial do déficit e da dívida pública dos EUA. Em 1981 este déficit era de 74 bilhões de dólares e a dívida de 1 trilhão de dólares. Dez anos depois, o déficit orçamentário chegou a 300 bilhões de dólares, e a dívida pública a 4 trilhões de dólares<sup>41</sup>. Este processo ganhou novo folego após 1989 após a formulação do Consenso de Washington, “*segundo a qual haveria uma fórmula universal, obrigatória para todos os governos, de ajuste fiscal, com suas conseqüências imediatas*”, estas sendo o “*refluxo dos gastos do Estado, concentrados em políticas sociais e gastos de pessoal, privatização de empresas, abertura da economia ao mercado internacional, precarização das relações de trabalho, incentivo à atração do capital financeiro*”<sup>42</sup>.

Este processo alcançará seu auge durante as gestões Clinton, que através do programa *Global Informational Infrastructure* (Infraestrutura Global de Informação, GII), constituíram uma agenda para a “liberalização” dos setores de telecomunicações de diversos países, especialmente os europeus, que ainda não haviam sido privatizados. Assim os EUA, fizeram-se detentores da maioria das patentes nas telecomunicações, dominando o espaço com sua rede de satélites, e colocando a seu serviço a maior parte das entidades supranacionais para tornar seu modelo de telecomunicações global, ampliando a rede de alcance de suas empresas na mesma escala. Enquanto seus investimentos aceleravam e acirravam a competição entre as empresas tradicionais, os EUA também fomentavam a entrada de novas empresas de telecomunicação e tecnologia da informação. Isto porque o “*novo jogo de expansão e reprodução de poder*” exigia conglomerados transnacionais de maior alcance, capazes de “*dinamizar o setor para dentro e para fora do território norte-americano*”<sup>43</sup>. Os setores de telecomunicações e tecnologia da informação (cada vez mais confluentes), por terem sido os primeiros a adequarem-se nas conformações exigidas pela dominância do capital financeiro, foram tratados durante a década de 90 como um novo Eldorado. Foram disponibilizados pelos grandes bancos europeus e estadunidenses os maiores financiamentos

---

<sup>39</sup> ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. op. cit. p. 13.

<sup>40</sup> TAVARES, M. da C. "A retomada da hegemonia norte-americana". *Revista de Economia Política*, vol. 5, nº 2, 1985. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf>, acessado em 13.02.11.

<sup>41</sup> ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996. p. 328. Para maiores informações sobre a evolução da dívida externa e interna estadunidenses ver CIA. *World Factbook*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us&regionCode=noa&rank=1#us>, acessado em 10.10.11.

<sup>42</sup> SADER, E. "Notas sobre a globalização neoliberal". In. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 41.

<sup>43</sup> COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 72-73.

vistos, até então, da história do capitalismo. Estes financiamentos “*deram origem a um novo padrão de endividamento extremamente elevado*”, que alçou tal ponto, que “*o grau de exposição ao risco da maioria das operadoras globais obrigou-as a redefinir suas estratégias em função da redução de seu endividamento*”<sup>44</sup>. Isto ainda sem levar em consideração o montante convertido em capital pela generalização das privatizações do setor. De “*135 países observados ao final de 2005, tínhamos quatro cujo setor de telecomunicações sempre foi privado, 102 que haviam privatizado, total ou parcialmente, suas empresas de telecomunicações, e apenas 29 cujo setor ainda era estatal*”<sup>45</sup>.

Isto pode ser observado pela criação e funcionamento da NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*, Associação Nacional Corretora de Valores e Cotações Automatizadas), bolsa de valores *on-line* onde são negociadas ações de empresas de alta tecnologia. Entre os anos de 1996 e 2000 esta teve seu valor aumentado de 1.000 para 5.000 pontos, crescimento de cerca 400%. “*O número de transações diárias no NASDAQ passara de 325 milhões em 1995 para 1,5 mil milhões em apenas cinco anos e a massificação de investimentos nas startups e nas empresas da de teleinformática, puxadas pelo crescimento das operações de brokerage na Web*”. Estas empresas viraram fetiches para os investidores, “*grandes e pequenos em busca do lucro fácil e de liquidez*”. Empresas não tradicionais foram atraídas a fazerem oferta pública inicial de ações nesta bolsa, pelos seus processos para abertura de capital serem mais eficientes e baratos que na tradicional Bolsa de Valores de New York (*New York Stock Exchange*). Entre os anos de 1997 e 2000 suas operações financeiras “*impulsionaram cerca de 1.600 empresas, gerando cerca de US\$ 316,5 trilhões. Em março de 2000, depois de atingir o pico mais alto, a bolha estourou e apresentou uma queda [de] 32%*”<sup>46</sup>.

Esta “*exuberância irracional*” (nas palavras de Alan Greenspan, presidente do FED) alimentou uma bolha de ativos, ou seja, uma massa de investimento ativos para lucro futuro, que foi alimentada pela política econômica do FED (Federal Reserve, Banco Central estadunidense) como parte da expansão econômica dos EUA no período, mantendo o nível de consumo através do crédito – lembrando o contexto turbulento do período, em fins de 1998 Greenspan, já tinha reduzido duas vezes a taxa de juros, que enfrentando a queda da taxa de lucro tentava “*neutralizar pressões deflacionárias internacionais cada vez mais poderosas*”. Articulada a esta medida o FED

---

<sup>44</sup> COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 73-74.

<sup>45</sup> TELECO. *Privatização: Telecomunicações no Mundo. Evolução do Setor de Telecomunicações*. Disponível em [http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina\\_2.asp](http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp), acessado em 09.10.11. Para informações mais completas sobre as privatizações em termos globais ver FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age: from boom to bust to...* Oxford University Press, 2002.

<sup>46</sup> COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 74.

coordenou “o socorro (bailout) de um fundo de hedge de bilhões de dólares. Greenspan explicou que o Fed fez isso porque, se deixasse o fundo falir, muito provavelmente se desencadearia uma desintegração financeira mundial”<sup>47</sup>. Isto resulta da estrutura econômica do capital-imperialismo, que tende ao aumento drástico da desigualdade social, o que “tende a criar um problema de realização — isto é, uma insuficiência de procura agregada em relação ao produto. A ascensão de lucros estimula a acumulação rápida e o crescimento do produto, mas os salários estagnados ou em queda limitam o crescimento da procura”. Então para manter o nível de lucratividade e ao mesmo tempo adiar a crise de superprodução são utilizados diversos mecanismos econômicos, perpetuando a expansão por mais um tempo. Mas quando esta expansão não é articulada com medidas relativas à realização, ocorre “rapidamente um desequilíbrio pois os meios de produção cresceriam demasiado rapidamente em relação ao produto”<sup>48</sup>.

É próprio da dominância do capital financeiro a produção de bolhas de ativos, que estão intrinsecamente ligadas com suas as expansões econômicas – afinal, o capital fictício “realiza lucros fictícios que somente podem-se tornar reais no nível individual e nunca no nível de sua totalidade. Contudo, enquanto exista a crença que eles possam ser tornados reais, continuará a bolha especulativa criada pelo capital fictício”<sup>49</sup>. As bolhas de ativos podem ser verificadas em relação a cada ofensiva do capital, nas “três expansões econômicas longas nos EUA da era neoliberal: em 1982-90, 1991-2000 e 2001-2007”. Estas bolhas cumprem um papel fundamental, ao “prolongar uma expansão ao retardar a percepção de que a crise tende a resultar do aumento da desigualdade. Assim o faz pelo aumento da riqueza de papel daqueles que possuem o activo que passa pelo processo de bolha”<sup>50</sup>. Este aumento da riqueza, faz com que o consumidor gaste este crescimento em relação aos seus rendimentos. E a bolha dos “ponto.com” estourou em 10 de março de 2000, quando “cinco trilhões em ativos desfizeram-se como fumaça”<sup>51</sup>.

Com o estouro da bolha dos “ponto.com”, e subsequentes escândalos envolvendo a NASDAQ, os analistas “voltaram” a atuar com maior dose de cautela em relação às

---

<sup>47</sup> BRENNER, R. “A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?”. *Revista Outubro*. n.º. 3 2002. Disponível em [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf), acessado em 13.10.11.

<sup>48</sup> KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. Disponível em [http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A\\_severidade\\_da\\_crise\\_economica\\_atual\\_Set\\_2010.doc](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc), acessado em 13.10.11.

<sup>49</sup> CARCANHOLO, R. A. “A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício” In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: Crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010. p. 31.

<sup>50</sup> KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. op. cit.

<sup>51</sup> BRENNER, R. *O Boom e a Bolha. Os Estados Unidos na Economia Mundial*. Rio de Janeiro, Record, 2003. p. 314-315. *apud* VIANA, N. “Crise financeira, Estado e regularização jurídica”. *Revista Direito GV*. n.º. 5 (2) jul-dez., 2009. Disponível em <http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf>, acessado em 12.06.11.

telecomunicações e ao mercado de tecnologia – até porque a grande maioria destas empresas fecharam após queimarem seu capital de risco e a maioria das corretoras transferiram seus investimentos para uma nova bolha, a do crédito imobiliário nos EUA –, especulando que a longo prazo as empresas de telecomunicação passariam por um processo de fusão e consequente monopolização do setor, dividido globalmente entre quatro ou cinco grandes operadoras. Como visto, este movimento é uma exigência para a reprodução do capitalismo contemporâneo.

A hegemonia estadunidense não restringe-se ao campo econômico, as formas de reprodução do capital atuam sobre diversos níveis da sociedade, e a internet acaba por ser partícipe, e de certo modo instrumento, de pedagogia<sup>52</sup>. Deste modo sua gestão, o controle sob seu formato técnico e seu conteúdo é inestimável. Em relação a internet foi criado o mito, divulgado exhaustivamente, que esta seria uma “terra de ninguém”, que não pertenceria ou seria controlada por nenhum Estado ou grupo privado, o que como já discutimos em relação a sua arquitetura, é simplesmente mentiroso<sup>53</sup>.

A primeira central de normatização e controle da rede foi o NIC (*Network Information Centre*, Rede de Centros de Informação), que localizava-se no Centro de Pesquisas de Stanford, ainda nos tempos dos primeiros experimentos na rede<sup>54</sup>. Em 1972, estas responsabilidades foram transferidas para o recém-criado IANA (*Internet Assigned Numbers Authority*, Autoridade de Atribuição de Números para a Internet), estabelecido informalmente como referência de funções técnicas normativas para a ARPANET, serviço realizado pelo *Information Sciences Institute* (Instituto das Ciências da Informação) para o DARPA, que relembremos é uma instância do Departamento de Defesa estadunidense.

O IANA nasce em março daquele ano quando Vint Cerf e Jon Postel pediram para fosse feito um catálogo dos número de tomada (*socket*) através do *Request for Comments* (RFC<sup>55</sup>) número 322. “Então os administradores da rede foram convidados para apresentar uma nota ou uma ligação telefônica, 'descrevendo a função e os números de tomada de programas de serviços de rede em cada host’”. Este catálogo acabou por ser publicado no RFC 433, de dezembro do mesmo ano, onde Postel propôs assinaturas oficiais de cada número de porta dos serviços em rede e

---

<sup>52</sup> COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 77.

<sup>53</sup> Além dos meios de comunicação envolvidos neste processo, em especial telejornais e filmes, onde os que possuem as capacidades cognitivas para se ambientarem na rede são representados como seres com poderes inigualáveis, transformando assim hackers em lendas, também é importante notar a pressão de juristas de diferentes países, que para poderem combater, especialmente, a quebra de direitos autorais que a rede proporciona aos seus usuários, utilizaram amplamente este argumento.

<sup>54</sup> SEM AUTOR. *History of the Internet*. Encyclopedia II - History of the Internet - Maintaining the infrastructure. Disponível em [http://www.experiencefestival.com/a/History\\_of\\_the\\_Internet\\_-\\_Maintaining\\_the\\_infrastructure/id/5164084](http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084), acessado em 12.01.11.

<sup>55</sup> Literalmente um “pedido de comentário”, documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.



sugeriu uma função administrativa, para manter e permitir acesso a um registro geral<sup>56</sup>: “*Eu proponho que deve se existir um czar (eu?) que lide com os números de tomadas oficiais para uso em protocolos padrões. Este czar também deve rastrear e publicar uma lista daqueles números de tomada onde hosts podem obter serviços específicos*”<sup>57</sup>.

O IANA foi dirigido por Postel (que afinal fora empossado como czar) desde sua criação até vir seu falecimento em 1998 – após sua morte irá ser efetuada a transição do IANA para o ICANN. Com o crescimento da rede, este registro geral passou a crescer exponencialmente, primeiro passando por diversas instâncias do aparelho de Estado estadunidense, depois sendo confiado a iniciativa privada, através da Network Solutions, Inc.<sup>58</sup>. Com o crescimento da rede na década de 80, a participação na sua normatização passou interessar outros países, especialmente europeus – o que distingue-se da governança propriamente dita, mas abrindo uma via de acesso para a interferência em sua arquitetura, atuando na formatação desta relação de poder. Este problema diplomático foi resolvido pela criação do *Internet Engineering Task Force* (Força-Tarefa de Engenharia da Internet, IETF) em 1986. A justificativa para sua criação, veiculada no RFC 3935 é banal, mas aponta corretamente suas funções: “*O objetivo do IETF é o de fazer a Internet funcionar melhor. A missão do IETF é o de produzir alta qualidade, técnica relevante e documentos de engenharia que influenciem o modo que as pessoas projetam, usam, e gerenciam a Internet de tal modo que faça a Internet funcionar melhor*”<sup>59</sup>. Em sua existência, o IETF coordenou um grande número de grupos de trabalho, concluídos e ainda em funcionamento, sendo diretamente responsável por uma grande série de RFCs, ou seja, o maior dentre todos os responsáveis pelos padrões normativos da internet nos dias de hoje.

Antes de 1993 os conselheiros do IETF eram escolhidos pelo *Internet Architecture Board* (Conselho de Arquitetura da Internet, IAB), que foi criado pelo DARPA em 1979. Após 1993 seus conselheiros são eleitos através de um Comitê de Nomeação (conhecido como NomCom)<sup>60</sup>. Os presidentes do IETF evidenciam a ligação destes intelectuais com o CIMA: durante o ano de 1986 o presidente designado foi Mike Corrigan; de 1986 até 1994 Phill Gross; de 1994 até 1996, Paul Mockapetris, criador do DNS e que fundou em 1999 a companhia Nominum; de 1996 até 2001,

---

<sup>56</sup> WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Assigned\\_Numbers\\_Authority](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority), acessado em 12.01.11.

<sup>57</sup> POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc349>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa. Assinalamos que este nome, IANA, foi somente citado textualmente no RFC 1060 de 1990 embora sua função já estivesse consolidada a longo tempo. REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc1060>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

<sup>58</sup> SEM AUTOR. *History of the Internet: Encyclopedia II - History of the Internet - Maintaining the infrastructure*. op. cit. Tradução nossa.

<sup>59</sup> AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em <http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

<sup>60</sup> IETF. *NomCom*. Disponível em <http://www.ietf.org/nomcom/>, acessado em 12.01.11.

Fred Baker, membro ativo da indústria de comunicação e redes desde os anos 1970, tendo trabalhado para a CDC, Vitalink, ACC, dentre outras. Atualmente é associado da Cisco; de 2001 a 2005, Harald Tveit Alvestrand, que já tinha trabalhado para Norsk Data, UNINETT, EDB, Maxware e Cisco, sendo atualmente funcionário do Google; de 2005 a 2007, Brian Carpenter, engenheiro que trabalhou com Tim Berners-Lee, inventor do www, no CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*, Organização Européia para Pesquisa Nuclear) e para a IBM; e Ross Housley, cujo mandato ainda não se encerrou, já tendo trabalhado para *Air Force Data Services* (Serviços de Informação da Força Aérea estadunidense), Xerox, Spyru e RSA e que em 2002 fundou sua própria companhia, a Vigil Security LLC<sup>61</sup>.

A participação na normatização da internet tornou-se ainda mais problemática durante a abertura da rede para sua exploração comercial, no começo da década de 90. Esta transição ficou conhecida como a “Guerra do DNS” e inicia nos EUA, quando uma série de provedores de serviço de Internet constituem rede próprias abrindo ligações de acesso (*gateways*) para fins comerciais. A rede passou a exigir a expansão da capacidade de transmissão oferecida. “*Para suprir essa deficiência foi criada uma nova rede denominada NFSNET Backbone financiada pela IBM, pelo MCI e pelo MERIT, juntamente com a NFS*”, a *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência estadunidense). Esta rede não deu conta desta expansão, então em 1991, as mesmas três empresas criam a *Advanced Networks and Services*, uma companhia supostamente fins lucrativos, que implementa a ANSNET – *backbone* com poder de transmissão de dados trinta vezes maior que à anterior. Esta desvinculação estatal no controle operacional da rede foi planejada desde a década anterior, DoD financiou a integração dos computadores pessoais fabricados por empresas estadunidenses ao protocolo TCP/IP. “*Com a tecnologia para criação de redes telemáticas abertas ao domínio público e com as comunicações em pleno processo de desregulamentação, a NSF procedeu a imediata privatização da Internet. Com a sua total privatização, a NSFNET foi encerrada em 1995*”<sup>62</sup>.

Até 1993 a NSF proibia o uso comercial da rede, e com esta abertura iniciou-se a demanda de registro de nomes de domínios, especialmente de primeiro nível, os “.com”, que ficaram sob a responsabilidade da já citada companhia Network Solutions. Como esta demanda cresceu, esta empresa “persuadiu” o NSF para que se pudesse cobrar pelos registros, “*para controlar pessoas que estavam estocando uma porção de nomes e para ajudar a pagar mais empregados e recursos*

---

<sup>61</sup> WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Engineering\\_Task\\_Force#Chairs](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs), acessado em 12.01.11.

<sup>62</sup> MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial*. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008. p. 27-28.

tecnológicos para manter a demanda”<sup>63</sup>. Este processo impulsionou a normatização jurídica sobre a rede, foi no campo jurídico que desenrolaram-se as disputas acerca dos registros de DNS. As disputas sobre os nomes de domínio levaram uma série de grandes empresas a reivindicar o registro de nomes, que já possuíam sob *copyright*, através de processos judiciais. Então foram adotadas novas regras para “aplar” os donos de marcas registradas, passando-se a requerer que todos os registrantes de domínios, dos já existentes e futuros, justificassem suas prerrogativas sob este, e foram dados trinta dias para o que os donos de domínios registrados comprovassem que seu direito era superior ao dos donos das marcas registradas, ou então seu domínio seria suspenso. Isto somente acarretou novos processos, desta vez para que os domínios não fossem tirados do ar.

Foi quando a comunidade da internet, em especial a *Internet Society* (ISOC), unida aos donos de domínios decidiu investir de maneira mais incisiva contra a Network Solutions, que já acumulava milhões de dólares, sendo que a quebra de seu monopólio interessava a diversas outras companhias. Foi criado um comitê *Ad Hoc International* (IAHC), composto por dois representantes dos grupos de interesses das marcas registradas; pela OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual); pela UIT (*United Nations Agency for Information and Communication Technology Issues*, Agência das Nações Unidas para Assuntos de Tecnologia da Informação e Comunicação); pela NSF; e por cinco representantes da IETF, visando construir uma série de Domínios de Primeiro Nível. Estes foram sete ao todo (como .biz ou .glass, por exemplo) que serviriam para facilitar acordos judiciais. Esta iniciativa fracassou, pois maior parte do público usuário da rede reconhecia somente o “.com” como “domínio verdadeiro”<sup>64</sup>. Do mesmo modo, uma série de países, reivindicavam poder decisório sobre a rede, que já tinha alçava certa expansão mundial, tornado esta questão também um problema diplomático.

Em 1998, visando agregar estes diversos grupos em disputa, o Departamento de Comércio dos EUA cria o ICANN (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*, Corporação da Internet para Nomes e Números Designados) pelos EUA. Ela seria uma entidade supostamente independente, que tem a responsabilidade de definir padrões para a rede, seus formatos e tipos de domínios, coordenando tecnicamente a definição de endereços IP e gerenciando o root server da internet<sup>65</sup>. Segundo Kurbalija e Gelbstein, “a 'guerra' terminou graças a um compromisso”, onde a “ISOC obteve mais controle público do DNS, ainda que os interesses comerciais tenham permanecidos muito poderosos. Assim, os interesses comerciais privados e aqueles das

---

<sup>63</sup> LITMAN. J. *The DNS wars: trademarks and the Internet Domain Name System*. Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

<sup>64</sup> LITMAN. J. *The DNS wars: trademarks and the Internet Domain Name System*. op. cit., acessado em 12.01.11. Para maiores informações sobre este processo ver SIMON, C. L. *Launching the DNS war: dot-com privatization and the rise of global internet governance*. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006.

<sup>65</sup> ICANN. *Fatos*. Disponível em <http://www.icann.org/br/general/fact-sheet.html>, acessado em 12.12.10.

*comunidades de 'guardiões' da Internet foram adequadamente protegidos". Mas os autores assinalam que "este não foi o caso dos interesses dos Estado-nação e da comunidade da Internet em geral. Esses são os dois aspectos mais frágeis da governança do ICANN"*<sup>66</sup>.

Embora com o ICANN justificando esta suposta independência pela obtenção de domínios ccTLDs (*Country Code Top-Level Domain*, Domínio de Alto nível para um Código de País) por países com os quais os EUA possuem conflitos políticos abertos, fica claro para nós a fragilidade desta, dada a utilização da internet como forma de ampliação das relações sociais capitalistas, tendo, quase instrumentalmente, um marcado uso político para a disputa ideológica em países como Iraque, Irã e Coréia do Norte, que tiveram seus domínios liberados (.iq, .ir e .kp, respectivamente). E mesmo assim, ainda são assegurados os direitos de veto aos EUA, sendo que, última instância, depende deste a existência ou não existência na rede:

Pelo atual acordo [de 2007, retificado], o ICANN ainda é ligado à gestão norte-americana em dois pontos. O contrato prevê que o domínio genérico ".com", mais popular do planeta, tenha aval dos Departamentos de Comércio e Justiça dos EUA, que limitam preços para defender a concorrência do setor, e que qualquer alteração no root server que possa alterar a estabilidade da rede seja comunicada ao Departamento de Comércio, que pode vetar a mudança - embora, historicamente, nunca tenha feito isto. Segundo o acordo mais recente, definido em setembro de 2006, o governo norte-americano e o ICANN se manterão conectados até o dia 30 de setembro de 2009, com possibilidade de estender a ligação por mais dois anos ou não renovar o contrato, o que faria da entidade, *tecnicamente, um órgão totalmente independente*<sup>67</sup>.

O ICAAN define-se como “*uma entidade sem fins lucrativos de benefício público, é a organização internacional responsável por administrar e supervisionar a coordenação do sistema de nomes de domínio da Internet e seus identificadores exclusivos*”, responsável por “*preservar a estabilidade operacional da Internet, promover a concorrência, obter a ampla representação das comunidades globais da Internet e desenvolver políticas apropriadas para sua missão*”<sup>68</sup>. A entidade irá acabar por estabelecer sua estrutura de decisões pelo sistema de *multistakeholder*, que irá agrupar na entidade, com mesmo peso, representantes da iniciativa privada, de Estados nacionais e da comunidade de usuários da internet, criando uma instância diplomática diferente da tradicional (como o modelo da ONU, considerado ultrapassado, já que não abre espaço para os conglomerados

---

<sup>66</sup> KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da Internet*. Questões, atores e cisões. Disponível em <http://www.diplomacy.edu/poolbin.asp?IDPool=590>, acessado em 12.01.11.

<sup>67</sup> FELITTI, G. “IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento”. *Idg Now!* 19.09.07. Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980>, acessado em 12.01.11. Grifos nossos.

<sup>68</sup> ICANN. *Fatos*. op. cit.

transnacionais)<sup>69</sup>: “a estrutura e os processos normativos da ICANN também garantem que vários níveis recebam as contribuições dos diferentes governos. A independência da ICANN favorece a resposta rápida a mudanças no cenário comercial, técnico e geopolítico da Internet e do DNS”<sup>70</sup>.

Este sistema de representação, é definido por Silva como “multilateral, cuja responsabilidade governamental atua com atores da sociedade para um pacto global de Internet onde as correlações de forças se alteram de forma democrática, equitativa e equilibrada, igualitária com objetivo de atender as demandas da sociedade global”<sup>71</sup>. Esta é uma percepção ingênua e idealizante deste modelo de representação, e que mistifica o poder estadunidense, o ICANN continua fazendo parte do seu aparato de Estado, sendo que, como já foi dito, o poder de veto dos EUA sobre a rede é o poder real sobre a existência desta. E apaga da relação de dominação o convencimento, gerando o consenso dos dominados. Não se pode perder a perspectiva que, em relação a internet:

[...] há 13 servidores-raiz distribuídos em todos o mundo (10 nos Estados Unidos e 3 em outros lugares; dos 10 que se encontram nos Estados Unidos, vários são operados por agências do governo estadunidense). Se um desses servidores parar de funcionar, os 12 remanescentes continuariam a funcionar. Mesmo que os 13 servidores-raiz deixassem de funcionar simultaneamente, a resolução dos nomes de domínio (principal função dos servidores-raiz) continuaria em outros servidores de domínio, distribuídos hierarquicamente por toda a Internet. Por essa razão, milhares de servidores de nomes de domínio contêm cópias do arquivo raiz da zona, e colapsos imediatos catastróficos da Internet não podem ocorrer. Levaria algum tempo antes que quaisquer conseqüências funcionais pudessem ser notadas, período durante o qual seria possível reativar os servidores originais ou criar novos<sup>72</sup>.

De fato, o que se observa é que este suposto processo de independência, é mais dependente do que afirma-se, sendo mediado pelos termos pautados pelos EUA, e que mesmo quando ocorrem uma determinada abertura, ela não ocorre sem que com isso, deixe-se de disseminar o modelo estadunidense como padrão, o que nos faz reafirmar as considerações de Fontes quando trabalha com o que chama de teias do capital-imperialismo, constituídas por entidades supranacionais, “modalidades de interconexão interimperialista”, que atuam “de maneira correlata, mas não

---

<sup>69</sup> UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate Internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em <http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1>, acessado em 12.10.10.

<sup>70</sup> ICANN. *Fatos*. op. cit. Grifos nossos.

<sup>71</sup> SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de Internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 2008. p. 7.

<sup>72</sup> KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da Internet*. Questões, atores e cisões. op. cit.

*mecanicamente conectadas a cada empresa*”<sup>73</sup>. Para nós, o ICANN pode ser interpelado plenamente segundo este conceito. Segundo a autora:

Este formato associativo desigual, mas formalmente democrático no plano internacional, contribuiu para intenso desenvolvimento das forças produtivas entre as potências imperialistas ocidentais. Intensificava-se a produtividade, em parte devedora do crescimento do complexo industrial-militar e da permanência de alta belicidade contra terceiros países e assegurava-se alta lucratividade, aprofundando a concentração de capitais e *agudizando a urgência de novos âmbitos – espaciais e sociais – de reprodução ampliada* [...] queremos ressaltar o quanto instituições deste tipo resultaram em formatos originais de organização econômica, política e ideológica. Não eliminavam conflitos internos, mas sua maior abrangência abriu modalidades de interconexão imperialista até então desconhecidas<sup>74</sup>.

A tabela abaixo nos mostra a participação de conselheiros em termos de nacionalidade. Lembrando que isto não significa que sejam representantes de Estado, tal como na diplomacia tradicional, mas também de empresas e usuários oriundos destes:

TABELA X: Participantes e ex-participantes do conselho de diretores do ICANN, por país, desde 2000:

País	Diretores e contatos atuais	Ex-diretores e contatos
Estados Unidos da América	8	15
Alemanha		4
França	2	3
Brasil	1	3
Austrália	1	3
Japão		3
Canadá		3
Holanda		2
Reino Unido		2
Itália		2
Espanha		2
Chile	1	1

<sup>73</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.

<sup>74</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 173.

Irlanda	1	
México		1
Portugal		1
Áustria		1
Gâmbia	1	
Senegal		1
África do Sul	1	
Quênia		1
Noruega	1	
Finlândia	1	
Letônia		1
Bulgária		1
Suíça		1
Índia	1	
Malásia		1
Nova Zelândia	1	
Hong Kong	1	
Taiwan	1	
China		1
Coréia do Sul		1

FONTE: ICANN. *Board Representation by Nationality*. Disponível em <http://www.icann.org/en/maps/board.htm>, acessado em 12.12.10.

Não há nenhuma garantia de participação na gestão do ICANN, mas sim, a construção e manutenção de uma rede internacional, que serve e assegura-se como mediação para diferentes interesses capitalistas. A entidade de modo algum constitui-se em tribuna aberta para discussão, até porque seus conselheiros são submetidos a indicação de seus organismos internos, e mesmo seu direito a voto passa por este crivo. O que observa-se é a criação de uma rede agrupando institutos nacionais de pesquisa e desenvolvimento, empresas geradoras de tecnologia, gestores e consultores

para negócios na rede, e que através de uma linguagem comum, técnica e jurídica, atuam como mediadores, formando consensos provisórios, para garantir em perspectiva global a manutenção e ampliação da exploração sobre este campo social, gerada e assegurada pelo Estados nacionais, e tendo seu epicentro no Estados Unidos. “*Para além dessas instituições oficiais e mais visíveis, como o GBM ou o FMI, o procedimento se estendeu à generalização internacionalizada de outras entidades, com múltiplas funções*”, sendo que “*algumas delas, mesmo com aparência e formato jurídico privado, respondiam diretamente às agências estratégicas de seus países de origem (militares, policiais, de espionagem, ou econômicas)*”, cumprindo como função “*disseminar modos de agir e assegurar recursos (monetários, políticos e mesmo militares) para seus aliados, tanto nos países capital-imperialistas, quanto em outros países*”<sup>75</sup>. A entidade serve como instância mediadora de conflitos entre os condutores do capital, criando uma rede que garante sua reprodução, expansão e aprofundamento. Segundo Fontes, estas entidades “*atuam no sentido de aprofundar mecanismos e regras comuns a seus interesses, ainda que aprofundando a dependência e a desigualdade entre Estados; mediam e procuram converter a cifras calculáveis os conflitos burgueses interpares*”, responsáveis por treinar, educar e incorporar “*de maneira desigual setores burgueses de diferentes países e, finalmente, para neutralizar os setores populares e as lutas (muitas vezes similares) que emergem nos diferentes países, estabelecem protocolos de atuação, tanto para o convencimento quanto para a repressão*”, e do mesmo modo buscando “*redirecionar tais reivindicações*”<sup>76</sup>. Isto fica claro na fala de **Rod Beckstrom, Presidente e Diretor Geral do ICANN**:

Somos a personificação da Internet e compartilhamos o que poderia ser chamado de uma dualidade central: *uma infraestrutura e também um conjunto de valores*. Ao mesmo tempo, uma construção de engenharia. De fato, um milagre da engenharia, se considerarmos as vinte milhões de vezes por segundo que o sistema DNS é usado, no mundo inteiro, por segundo - vinte milhões - quarenta milhões - bem, dá para ter uma ideia. Somos uma organização baseada em valores. *A própria Internet é uma construção e uma visão. Em ambos os casos, miraculosa*<sup>77</sup>.

E por fim, nos cabe apontar sobre as tentativas já existentes para afastar a rede do controle direto dos EUA, sendo a mais promissora destas o P2PDNS, cujo desenvolvimento é liderado por Peter Sunde, porta-voz do Pirate Bay. O projeto ganhou impulso após a aprovação da *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação Online e Falsificações), aprovado pelo comitê jurídico do Senado estadunidense, cujo conteúdo permite ao governo dos

<sup>75</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.

<sup>76</sup> FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 176.

<sup>77</sup> **BECKSTROM, R. O futuro da ICANN. Fala de abertura do Primeiro Fórum .ORG Anual**. Washington, 28.01.10. Disponível em <http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm>, acessado em 16.10.11. Grifos nossos.



EUA desligar sites suspeitos de manterem conteúdo ilegal, e abre caminho para o DoD, “*através de ordens judiciais, obrigar os ISP [servidores de serviço de internet] a redirecionarem o tráfego de clientes para fora de sites estrangeiros*”. O P2PDNS seria um servidor raiz alternativo, iniciado com a intenção de se construir um novo sistema de DNS, cujo objetivo maior é manter a Internet sem censura. Sua infraestrutura será baseada em BitTorrent. “*O objetivo é desenvolver um sistema capaz de merecer a maior confiança do que o DNS existente. Actualmente, há já código desenvolvido que é uma prova de conceito e um RFC (Request for Comments) está a caminho*”<sup>78</sup>, mas mesmo com seu desenvolvimento adiantado, ainda não há previsão para sua plena utilização.

#### BIBLIOGRAFIA:

- ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
- CARCANHOLO, R. A. “A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício” In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: Crise de uma civilização. Fim da história ou começo de uma nova história?* Goiânia: CEPEC, 2010.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo. Teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.
- FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age: from boom to bust to...* Oxford University Press, 2002.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.
- LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília, Nova Palavra: 2007.
- LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar" In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- SADER, E. "Notas sobre a globalização neoliberal". In. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.
- COELHO, E. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005.
- COSTA, G.M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial*. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008.
- SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de Internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 2008.
- SIMON, C. L. *Launching the DNS war: dot-com privatization and the rise of global internet governance*. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006.

---

<sup>78</sup> NÓBREGA, J. "Alternativa P2P tenta desafiar ICANN". *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. <http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann>, acessado em 12.12.10.

ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc\\_pi-arten.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf), acessado em 20.08.10.

AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em <http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt>, acessado em 12.01.11.

**BECKSTROM, R. O futuro da ICANN. Fala de abertura do Primeiro Fórum .ORG Anual.** Washington, 28.01.10. Disponível em <http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm>, acessado em 16.10.11.

BRENNER, R. "A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?". *Revista Outubro*. n.º. 3 2002. Disponível em [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf), acessado em 13.10.11.

CARCANHOLO, M. D. "Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora". *Revista Aurora*. Ano IV, n.º 6. Agosto de 2010. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf>, acessado em 04.06.11.

CIA. *World Factbook*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us&regionCode=noa&rank=1#us>, acessado em 10.10.11.

DIAS, E. "Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes". *Revista Outubro*. n.º. 1. 2003. Disponível em [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01\\_03.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf), acessado em 16.10.11.

FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em [http://www.nitrd.gov/fnc/Internet\\_res.html](http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html), acessado em 14.10.11.

FELITTI, G. "IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento". *Idg Now!* 19.09.07. Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980>, acessado em 12.01.11.

HARTUNG, W. "Profits of War: The Fruits of the Permanent Military-Industrial Complex". *Multinational Monitor*. Jan./Fev. 2005. Disponível em [http://www.thirdworldtraveler.com/Military\\_Industrial\\_Complex/Profits\\_of\\_War.html](http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html), acessado em 08.10.11.

ICANN. *Fatos*. Disponível em <http://www.icann.org/br/general/fact-sheet.html>, acessado em 12.12.10.

IETF. *NomCom*. Disponível em <http://www.ietf.org/nomcom/>, acessado em 12.01.11.

KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise econômica actual*. Disponível em [http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A\\_severidade\\_da\\_crise\\_economica\\_atual\\_Set\\_2010.doc](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc), acessado em 13.10.11.

KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da Internet*. Questões, atores e cisões. Disponível em <http://www.diplomacy.edu/poolbin.asp?IDPool=590>, acessado em 12.01.11.

LITMAN, J. *The DNS wars: trademarks and the Internet Domain Name System*. Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf>, acessado em 12.01.11.

NÓBREGA, J. "Alternativa P2P tenta desafiar ICANN". *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. <http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann>, acessado em 12.12.10.

POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc349>, acessado em 12.01.11.

REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc1060>, acessado em 12.01.11.

SEM AUTOR. *História da internet*. Disponível em <http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65>, acessado em 13.07.10.

SEM AUTOR. *History of the Internet: Encyclopedia II - History of the Internet - Maintaining the infrastructure*. Disponível em [http://www.experiencefestival.com/a/History\\_of\\_the\\_Internet\\_-\\_Maintaining\\_the\\_infrastructure/id/5164084](http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084), acessado em 12.01.11.

TAVARES, M. da C. "A retomada da hegemonia norte-americana". *Revista de Economia Política*, vol. 5, n.º 2, 1985. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf>, acessado em 13.02.11.

TELECO. *Privatização: Telecomunicações no Mundo. Evolução do Setor de Telecomunicações*. Disponível em [http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina\\_2.asp](http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp), acessado em 09.10.11.

UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate Internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em <http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1>, acessado em 12.10.10.

VIANA, N. "Crise financeira, Estado e regularização jurídica". *Revista Direito GV*. n.º. 5 (2) jul-dez., 2009. Disponível em <http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf>, acessado em 12.06.11.

WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Assigned\\_Numbers\\_Authority](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority), acessado em 12.01.11.

WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Engineering\\_Task\\_Force#Chairs](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs), acessado em 12.01.11.